

Repertório coral infantil e juvenil: Seleção, objetivos e práticas em Portugal

Ana Lúcia Carvalho

Education Institute, University of Minho

Portugal

ana.algc@gmail.com

Janete Ruiz

School of Arts and Humanities, University of Minho

Portugal

janeteruiz@elach.uminho.pt

Resumo

O presente artigo foi desenvolvido a partir do Relatório de Estágio *O desenvolvimento de competências no Coro O desenvolvimento de competências na disciplina de coro do ensino artístico especializado: o contributo do “Canto Coral” nas Escolas de Tomás Borba*, parte do curso de Mestrado em Ensino de Música da Universidade do Minho. Uma vez que o repertório é um dos elementos centrais da aula de Coro, e uma poderosa ferramenta didática, a sua seleção consiste num processo complexo. Um critério frequentemente priorizado é a escolha de material musical pela temática. Contudo, sem considerar uma pedagogia vocal e musical apropriada a crianças e jovens, esta norma poderá ter consequências sérias no desenvolvimento de hábitos vocais saudáveis e persistentes. Assim, o professor deverá desenvolver um conhecimento aprofundado em pedagogia vocal e musical que sustentem a sua escolha de repertório. Deverá considerar as seguintes características: a obra deve revelar conhecimento da escrita coral e regras composicionais, deve conter um elemento de surpresa, texto desafiante, melodia e harmonia coerentes com o texto, e escolher obras emocionais, uma vez que tendem a permanecer de forma durável no programa. Este estudo teve como objetivos analisar os critérios de seleção de obras corais no âmbito do coro infantil e juvenil e função para o desenvolvimento de competências vocais e musicais no Ensino Artístico Especializado de Música. A metodologia seguida foi a Investigação-ação, de *design* misto. No inquérito orientado a docentes de Coro, obtiveram-se respostas dispersas e refletiam critérios de escolha vastos. As entrevistas a especialistas da área revelaram a inquietação perante a pouca comunicação entre escolas de música e entre docentes, algo que poderia contribuir para a difusão de boas práticas pedagógicas e de repertório adequado. Concluiu-se a falta de informação sobre repertório ajustado à realidade do ensino artístico, especialmente de obras portuguesas. Concluiu-se a necessidade de investigação mais aprofundada, uma vez que os objetivos de aprendizagem, as práticas e os critérios de seleção de repertório revelam práticas nacionais vastas e desalinhas.

Palavras-chave coro infantil; coro juvenil; competências; repertório coral.

Repertoire for children and youth choir: selection, objectives, and practices in Portugal

Ana Lúcia Carvalho

Education Institute, University of Minho

Portugal

ana.algc@gmail.com

Janete Ruiz

School of Arts and Humanities, University of Minho

Portugal

janeteruiz@elach.uminho.pt

Abstract

The following article was developed after the internship report titled *Competence development in Choir classes within Specialized Artistic Teaching. The influence of Tomás Borba's "Choral Singing in Schools"*, part of the master's degree curriculum in Music Teaching at the University of Minho. Since repertoire is one of the central elements of the choral classroom, and a powerful didactic tool, its selection is a complex proceeding. A common practice within repertoire selection is the choice of musical material by its theme. However, without considering adequate vocal and musical pedagogy for infant and adolescent individuals, this standard can have serious consequences in the development of healthy and durable vocal habits. Thus, the conductor must acquire deep knowledge about voice and musical pedagogy that sustain his repertoire choices. He/she should consider the following components: the song must display knowledge of choral writing and compositional rules, the piece should contain an element of surprise, hold a defiant text, the melody and harmony should reflect the text and choose emotional pieces, since they tend to remain durable in the choir's program. This research sought to perceive the criteria selection of choral works in the children and youth choir and its contribution to the development of vocal and musical skills within Specialized Artistic Music Teaching. The methodological format of the investigation was Action Research, with both quantitative and qualitative data. In the survey directed to Portuguese choir teachers, the answers given were dispersed and reflected vast criteria. The interviews conducted with experts on this subject showed concerns about the vast and unaligned actions within Portuguese music schools and suggest more communication between institutions and teachers since it could contribute to the exchange of good pedagogies and suitable repertoire. Teachers agreed on the lack of information about repertoire proper for the school choir, especially Portuguese works. It was concluded that the subject needs deeper study since the skills considered, the practices, and the repertoire selection standards show vast and scattered practices.

Keywords children choir; youth choir; competencies; choral repertoire.

Introdução

A seleção de repertório para a disciplina de Coro do Ensino Artístico Especializado de Música, ao longo do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário, consiste num processo complexo e ponderado. Esta reflexão deve considerar determinados critérios, tais como: os objetivos curriculares, o nível musical e características vocais dos alunos e as competências, musicais e vocais, a desenvolver, em cada nível de ensino. Com a obrigatoriedade de frequência da disciplina de Classe de Conjunto, a partir da reestruturação do Ensino Artístico Especializado (desde 2008), assistiu-se à inclusão em coros de alunos a partir dos dez anos de idade. Com a massificação do ensino de música, várias problemáticas se acentuaram como consequência direta desta democratização, nomeadamente: a) qual o lugar e função do repertório no currículo coral enquanto material didático; b) quais as características das vozes infantojuvenis a considerar; c) que repertório, em particular português, se encontra disponível para a utilização em contexto escolar.

Tendo em consideração as competências a desenvolver nos vários níveis escolares, assim como as características vocais dos alunos e as condicionantes de aprendizagem, o presente artigo apresenta uma revisão de literatura sobre as competências a desenvolver no Coro infantojuvenil, as características do repertório coral a incluir e a sua sequencialidade didática. Serão apresentados e debatidos os dados recolhidos sobre as práticas em Portugal no Ensino Artístico Especializado sobre a problemática em estudo, reunidos através de um inquérito a docentes de Coro e de entrevistas a cinco especialistas da direção coral infantojuvenil nacionais.

1. As características do repertório coral infantojuvenil

O repertório consiste num elemento central na didática coral, sendo simultaneamente um meio e um objetivo. É através do repertório que o professor desenvolve os conteúdos curriculares para que, através da sua filosofia pessoal, o aluno atinja o crescimento musical espetável (Apfelstadt, 2000, p. 19). Neste sentido, o professor de coro procura escolher repertório relacionado com a sua visão e, em simultâneo, com as próprias necessidades dos alunos. Por sua vez, Forbes (2001, p. 102) acrescenta que o repertório consiste no intermediário para o desenvolvimento de competências relacionadas com elementos musicais qualitativos. Esses aspetos contemplam não só os elementos definidos na partitura, mas também os elementos artísticos que desenvolvam a arte coral. Não obstante os aspetos artísticos, Cooksey & Welch referem que a sua *performance* deverá corresponder à experiência musical e ao conhecimento dos alunos (1998, p. 100). Logo, a eficácia da aprendizagem reside na mobilização de competências adquiridas pelos alunos e na qualidade da performance artística, num determinado momento.

Devido à componente performativa, muitas vezes vista como um dos principais objetivos da disciplina de Coro (se não o principal), o repertório é frequentemente selecionado em função da apresentação pública, obedecendo a critérios nem sempre relacionados com os objetivos pedagógicos. Mais do que o *que* se canta, é necessário analisar e desenvolver *como* se canta, uma vez que a não consideração do desenvolvimento de boas práticas vocais poderá fazer com que o aluno desenvolva maus hábitos de produção vocal com graves consequências futuras (Phillips, 1985, p. 21). Caso o foco das aprendizagens corais incida unicamente na aprendizagem de canções, *the song approach* (Phillips, 1992, p. 10), poder-se-á não desenvolver o potencial vocal e musical de cada aluno, na medida em que a apresentação eficaz das canções não assegura *per se* a aquisição de competências vocais e musicais. Assim, propõe-se uma abordagem mista, na qual o repertório adquire destaque não apenas através do seu valor artístico, mas também da função no desenvolvimento de competências vocais e musicais.

Nesse sentido, considera-se essencial a graduação de competências, definindo a sua sequencialidade em função do nível musical e vocal dos alunos, e optar por repertório que enfatize o seu desenvolvimento. Stultz (2005) menciona dez competências fundamentais a considerar no trabalho coral que deverão ser desenvolvidas com o repertório escolhido, através de quatro níveis de aprendizagem coral, do elementar ao avançado (quadro 1).

Lista de competências corais:

Construção de voz “de cabeça”	Dicção	Promoção de vocais puros	Legato	Registo médio	Ressonância de peito	Precisão musical	Articulação e dinâmicas	Canto a várias partes	Arte coral
-------------------------------	--------	--------------------------	--------	---------------	----------------------	------------------	-------------------------	-----------------------	------------

Quadro 1: Competências vocais a desenvolver. Adaptado de Stultz (2005, p. 1.1)

Para além da relevância da aprendizagem vocal, a disciplina de Coro deve ser acima de tudo um lugar de aprendizagem e desenvolvimento musical. Assim, Dawney descreve as competências musicais a fortalecer no Coro (quadro 2):

Lista de competências musicais:

Ouvir	Audiar	Ritmo/pulsação estável	Leitura	Tonalidade	Expressão
-------	--------	------------------------	---------	------------	-----------

Quadro 2: Competências musicais a desenvolver no Coro. Adaptado de Dawney (2021).

Em suma, a escolha de repertório deve estar em conjugação com os objetivos da disciplina, com o nível vocal e musical dos alunos e com os objetivos de aprendizagem, sem ignorar as características únicas e influenciadoras da didática coral infantojuvenil.

1.1. Fatores influenciadores da didática coral



O trabalho coral em idades escolares adquire contornos únicos, na medida em que deve estar bem ligado com as características psicomotoras, psicológicas e físicas dos alunos, em especial o seu desenvolvimento vocal.

Nas faixas etárias abrangidas pelo Ensino Artístico Especializado, dos dez aos dezoito anos, a muda vocal feminina e masculina, é um processo gradual inevitável. Apesar de seguir um padrão mais ou menos definido, ocorre à velocidade de cada indivíduo – o que implica que o professor conheça muito bem as vozes dos seus cantores, individualmente, e o seu comportamento acústico em grupo. A elaboração de registos individuais da tessitura vocal dos alunos, para além de desmistificar e tranquilizar os alunos em relação ao processo de muda vocal, oferece ao professor dados concretos para a seleção ou adaptação do repertório (Freer, 2006, p. 50). Este poderá ser um processo mais demorado, porém, serve melhor o cantor estudante (Collins, 2012, p. 36). Dar a conhecer a sequência de desenvolvimento vocal e envolver os alunos no processo confere-lhes maior noção das suas aptidões. A heterogeneidade de idades e de estágios de muda vocal num mesmo grupo coral pode trazer vantagens: os alunos mais avançados na muda vocal poderão servir de modelo para os alunos em estágios com maior fragilidade, compensar as lacunas mútuas e incentivar os alunos menos experientes a desenvolver hábitos vocais, musicais e performativos mais proficientes. Aquando da escolha de repertório a trabalhar, as características vocais dos alunos são um fator a ser contemplado, em conjugação com outros apresentados seguidamente.

1.2. Fatores de seleção de repertório

No momento de escolha das obras, Brunner indique que o professor considere as seguintes características musicais: melodia, conteúdo expressivo/efeito musical, harmonia e acompanhamento (1992, p. 27). Broeker define seis critérios a considerar na escolha de peças individuais: texto, capacidade de cantar, forma, escrita das vozes, acompanhamento e implicações pedagógicas (2000, p. 27). Segundo a mesma autora, as peças selecionadas devem ainda pertencer a variados géneros musicais, estilos e épocas. Desse modo, desenvolve-se uma pluralidade de contextos musicais variados, o que desenvolve a destreza e plasticidade artística dos alunos.

Evolução das vozes femininas	
Coro infantil (seis aos nove anos)	
Características	Tonalidade preferencial: Mi b Maior

<p>Âmbito das obras</p>	
<p>Coro juvenil – vozes femininas</p>	
<p>Características</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nove aos onze anos (aproximadamente): voz inalterada - Doze aos catorze anos: voz "soprada", alguma dificuldade/desconforto em aceder ao registo agudo e expansão do registo grave - A partir dos quinze anos: gradualmente, começa a surgir a voz feminina adulta
<p>Tessitura vocal</p>	

Quadro 3: características das obras corais infantis. Adaptado de Bartle (2003, p. 185), Stultz (2005, p. 5.1).

Para além das características inerentes à escrita das obras, o professor deve conhecer e considerar as especificidades dos seus alunos. Conforme as idades e o seu desenvolvimento vocal, as obras selecionadas prestam-se a determinadas singularidades, conforme apresentado no quadro 3.

Apesar de se tratar de um critério subjetivo, deve-se priorizar a seleção de repertório de "qualidade". Bartle define que as obras de qualidade são caracterizadas por: "musicalidade" do texto, coerência da linha vocal, características composicionais (ritmo, harmonia, contraponto e condução vocal e forma, estrutura e proporção), tonalidades e modulações e o tipo de acompanhamento (2003, p. 183). Para Stultz, uma obra de qualidade integra as regras composicionais, contem um momento de surpresa (um ponto de viragem, ou um acorde ou ritmo inesperado) inclui texto desafiante ou esclarecedor com melodia e harmonia que o represente, prioriza obras que apelem às emoções, e atenta ao nível de exequibilidade da obra: deve ser desafiante, porém, não ao ponto de ser inexecutável (2005, p. 2.3). O equilíbrio entre a autonomia e o desafio é fundamental: peças demasiado fáceis não oferecem estímulo suficiente, enquanto peças demasiado trabalhosas podem desmotivar os alunos.

Para o desenvolvimento do canto polifónico, é relevante a sequencialidade das obras com várias partes, tendo em conta o seu nível de dificuldade. Bowers (2006, p. 92) e Leck & Jordan (2009, p. 73) propõem a seguinte progressividade: peças em uníssono, *ostinato*, *partner songs*, obras com descante, *cânones* e peças com várias partes. Desta forma, à medida que os alunos ganham autonomia para cantar confortavelmente a várias vozes, é possível conduzi-los a executar obras progressivamente mais complexas.

Quanto à temática, Bartle (2003, p. 185) refere que o repertório infantil pode ser adequado para crianças sem infantilizar os alunos. Desse modo, podem-se incluir obras com textos compreensíveis pelos alunos mais novos, sem que o texto seja demasiado infantil. Em coros com alunos dos nove aos onze anos, podem-se introduzir obras dos "grandes mestres", cânones *a capella* e canto polifónico a duas partes, correspondentes a peças para SS, SA e 2-Part (Bartle, 2003, p. 186). Em coros juvenis, dos doze aos catorze anos, se as competências vocais e musicais tiverem sido bem trabalhadas e desenvolvidas previamente, é possível incluir repertório desafiante, especialmente *a capella*. É importante que sejam incluídas obras para três e quatro vozes mistas em mudança – e não vozes mistas adultas. Isto corresponde a

obras para SAB, Three Part Mixed, SSA, SSAA, SSAB e SATB (a voz do Tenor poderá ser cantada por meninas *alto* ou rapazes *cambiata*).

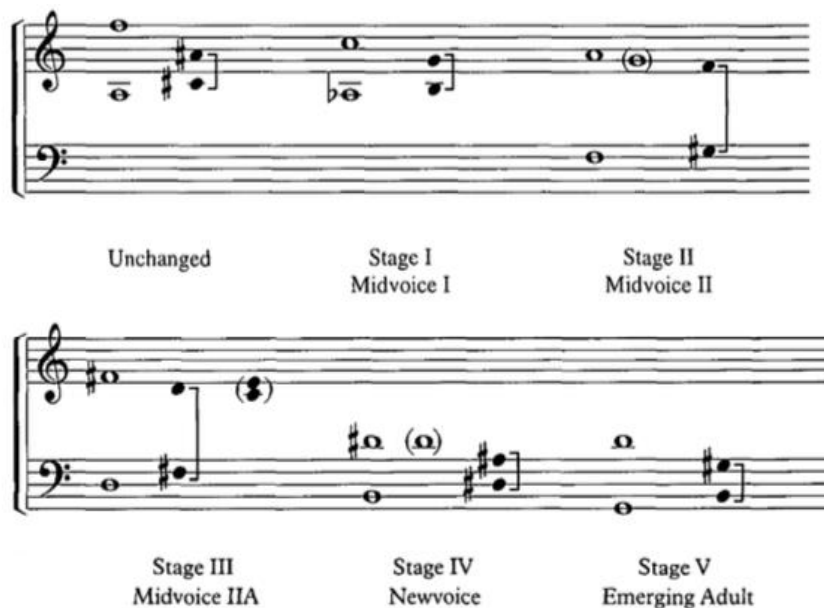


Figura 1: O desenvolvimento vocal masculino durante a muda vocal. (Cooksey & Welch, 1998, p. 106)

As peças, na medida do possível, deverão ir de encontro ao registo e região vocal confortável dos alunos. A figura 1 representa o âmbito aproximado da voz masculina em mudança, também chamados *cambiata*. A notação branca simboliza a tessitura das vozes em cada estágio, enquanto a notação negra significa o registo confortável, no qual deve estar situada a melodia a entoar. Ademais, deve ainda ser considerado o contexto melódico e a forma da melodia. A voz desses alunos é bastante instável e volátil, e por vezes varia de semana para semana, pelo que se recomenda um apoio muito próximo. Autores como Bartle (2003), Bowers (2006), Leck & Jordan (2009) e Costa (2019) referem ser essencial dar suporte aos alunos *cambiata* e Barítonos. Outra possibilidade é adaptar uma das vozes do repertório de vozes iguais, entregando-a aos Barítonos. Para rapazes com tessituras mais limitadas, pode-se ainda trabalhar repertório com uma melodia em *ostinato*, constituída por escassas notas, no registo confortável dos alunos. Habitados a cantar uma melodia em uníssono, ou uma contra melodia, os “novos Barítonos” têm agora o desafio de cantar uma melodia de baixo. Esta é frequentemente demasiado aguda e fora da zona vocal confortável, uma vez que estes alunos muitas vezes não têm a flexibilidade vocal para cantar através da mudança de registo (Leck & Jordan, 2009, p. 189). Assim, torna-se necessário selecionar obras com uma melodia “confortável”, enquanto se investe numa técnica vocal de qualidade, que os ajude a entoar em toda a sua registação. Com prática, desenvolvimento de bons hábitos vocais (que podem ser iniciados antes da puberdade) e a utilização de repertório adequado a muda vocal torna-se menos condicionante, acentuada e desmotivadora (Cooksey segundo Skelton, 2007, p. 542).

2. As práticas nacionais

Com objetivo de aferir quais as práticas nacionais para a seleção de repertório, foi elaborado um inquérito destinado a docentes do Ensino Artístico Especializado. Como o projeto foi estruturado para ser implementado a alunos do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, direcionaram-se as questões para esses dois ciclos de ensino. Obtiveram-se vinte e seis respostas, de professores de praticamente todas as regiões do país, de zero até quarenta anos de experiência docente. O inquérito foi constituído por quatro partes, sendo a terceira destinada à análise de onze afirmações sobre critérios de seleção de repertório. Ao longo de onze questões, foi pedido aos participantes que assinalassem o seu grau de concordância com as afirmações, utilizando uma escala de Lickert de cinco níveis.

Tabela 1: resultados dos inquéritos aos docentes de Coro.

Legenda: 5 - concordo plenamente; 4 - concordo; 3 - não concordo nem discordo; 2 - discordo ligeiramente; 1 - discordo plenamente

Questões:	Respostas obtidas				
	5	4	3	2	1
1. O repertório e as competências estão intrinsecamente ligados:	42,3%	42,3%	3,8%	7,6%	3,8%
2. Qualquer peça, independentemente do registo e linha composicional, pode ser trabalhada em coros de 1º e 2º ciclo:	11,5%	7,6%	11,5%	30,8%	38,5%
3. O repertório coral deve ser selecionado consoante o tema de concerto	7,6%	34,6%	26,9%	30,8%	--
4. O repertório coral deve ser selecionado consoante o conteúdo da letra	--	38,5%	30,8%	23%	7,6%
5. O repertório coral deve ser escolhido em função do gosto dos alunos	7,6%	15,4%	30,8%	46,2%	--
6. No 1º e 2º ciclos não é relevante a definição de competências a desenvolver	15,4%	3,8%	7,6%	11,5%	61,5%
7. O repertório deve ser adequado ao estágio de muda vocal dos alunos	50%	34,6%	15,4%	--	--
8. O repertório deve ser adequado ao nível musical dos alunos	42,3%	50%	7,6%	--	--

Questões:	Respostas obtidas (continuação)				
	1	2	3	4	5
9. No 1º ciclo aborda-se repertório exclusivamente português	11,5%	26,7%	15,4%	30,8%	15,4%
10. No 1º ciclo aborda-se repertório em uníssono	7,6%	30,8%	19,2%	42,3%	--
11. No 2º ciclo, independentemente do nível musical dos alunos, aborda-se repertório a duas ou mais vozes	19,2%	38,5%	--	30,8%	11,5%

As afirmações que obtiveram maior grau de concordância foram “7. O repertório deve ser adequado ao estágio de muda vocal dos alunos” e “8. O repertório deve ser adequado ao nível musical dos alunos”, nas quais todos os docentes responderam 3 – *não concordo nem discordo*; 4 – *concordo* e 5 – *concordo plenamente*. As restantes respostas foram menos unânimes, conforme ilustrado na tabela 1, na medida em que se obtiveram respostas distribuídas pelos vários níveis. De forma a aprofundar as respostas obtidas nos questionários, visto os dados obtidos serem pouco uniformes e de natureza quantitativa, foram elaboradas entrevistas a quatro especialistas de direção coral: um perito em repertório de Tomás Borba, um diretor coral infantojuvenil e três docentes de Coro do Ensino Artístico Especializado.

Os critérios de seleção de repertório referidos pelos entrevistados poder-se-ão resumir do seguinte modo: são preferidas as obras que contem uma história com várias canções, começando por repertório tonal, passando progressivamente para outros modos, e deve-se trabalhar repertório português (ou traduzido), especialmente no 1º Ciclo. Na escolha, há que ponderar a temática dos concertos, evitar repertório demasiado infantil, escolher obras vocalmente acessíveis e progressivamente cantar a várias partes. Devem-se incluir arranjos e pequenas composições específicas para o grupo de alunos, como trava-línguas, lengalengas. Há que ter em conta a dimensão do coro, as idades dos alunos e o seu imaginário, e encaixar da melhor forma essa informação nas escolhas musicais. É necessário ter em conta a qualidade da obra e a ligação do professor com a mesma, assim como o grau de dificuldade: desafiante, mas não em excesso. Quando inquiridos sobre a função didática do repertório, os entrevistados definiram que o repertório é o motor da didática coral. Na seleção de obras deve-se ter em conta o seu papel pedagógico e o que vai trazer de novo aos alunos. Para além da sua relevância, o repertório é também a extensão de um trabalho tecnicamente bem feito.

A inclusão de repertório português no programa de Coro é essencial, uma vez que estas obras estão ligadas à nossa própria identidade nacional. Através do conhecimento do nosso repertório conseguimos conhecer e valorizar o repertório do “outro”, de outras étnicas, culturas

e espaços geográficos. Ademais, com obras em português poder-se-á focar a didática mais rapidamente para “outras questões”, o crescimento vocal, musical e artístico (emocional, acústico e performativo) dessa obra em concreto – consequentemente, dos alunos.

O coro infantojuvenil é um agrupamento que permite flexibilidade e imaginação de “outros mundos” distanciando-se, desse modo, da ideia estereotipada de que o coro deve cantar determinado repertório, de forma “académica” e sóbria. No entanto, constatou-se o desconhecimento e eventual ausência de obras portuguesas adequadas à realidade do Ensino Artístico Especializado. Essa carência é observada no âmbito de arranjos de canções tradicionais em formato “obra de concerto”, sendo que o repertório disponível é frequentemente construído em formato de “cancioneiro” algo que não ocorre noutros países.

Sobre o repertório mais antigo, como as canções de Tomás Borba, Frederico de Freitas e Elvira de Freitas, constatou-se a influência de aspetos ideológicos intrínsecos da época em que viveram na escrita musical, o que tem feito com que estes compositores sejam evitados e, consequentemente, permaneçam esquecidos na atualidade. Contudo, existem instituições de ensino com projetos educativos estruturados para o apoio à composição, apresentação e gravação de repertório português, sendo que algum deste repertório tem sido escrito em articulação com o professor de Coro e em conformidade com os critérios de seleção apresentados e as características das vozes infantojuvenis. Entre as obras trabalhadas pelos entrevistados, nos coros que orientam, foram mencionados os seguintes compositores: António Pinho Vargas, Cândido Lima, Carlos Garcia, Eurico Carrapatoso, Fernando Lopes-Graça, Jaime Reis, Jorge Croner de Vasconcelos, Miguel Azguime, Osvaldo Fernandes, Paulo Bastos, Sérgio Azevedo e Telmo Marques.

3. Conclusão

A seleção de repertório do contexto do Ensino Artístico Especializado consiste num processo complexo, que deve ser conjugado com as competências a desenvolver e com os objetivos de aprendizagem vocais e musicais, nível de aprendizagem e características vocais dos alunos, em particular durante a muda vocal. O repertório selecionado deve ser variado e ter “qualidade” artística. Enquanto existe repertório apelativo aos alunos, recomenda-se a abordagem de repertório menos familiar, sendo que se pretende acrescentar “algo” através dessas obras. A escolha de repertório precisa de ser bem incluída na sequencialidade de aprendizagens, e as obras trabalhadas devem ser desafiantes, mas não em demasia.

No que respeita às práticas nacionais, esta pesquisa apresenta os critérios considerados pelos docentes de Coro. Porém, observam-se algumas divergências no que respeita a priorização de critérios de seleção de repertório, o que poderá indiciar a falta de concordância entre os docentes de coro sobre os objetivos da disciplina, a sonoridade pretendida e a ausência de linhas pedagógicas orientadoras, ao nível nacional. A ausência de objetivos de aprendizagem nacionais também poderá influenciar dessas diferenças. Não obstante, os docentes revelam maior concordância no que respeita a escolha de repertório em função dos estágios de muda vocal e do nível musical dos alunos. A partir dos depoimentos reconheceu-se o repertório como elemento fundamental da didática coral. As obras corais portuguesas são um forte elemento identitário da nossa cultura. Não obstante o desenvolvimento da escrita coral infantojuvenil reconhecido nos últimos anos, constatou-se a relativa ausência de arranjos da nossa música tradicional, o desconhecimento ou desinteresse por repertório mais antigo, assim como a ausência de estudos pormenorizados sobre a sequencialidade e eficácia pedagógica do repertório português no contexto do Ensino Artístico Especializado.

Constata-se a relativa ausência de estudos sobre o repertório coral português cantado no Ensino Artístico Especializado. Para investigações futuras, sugere-se o estudo das obras corais infantojuvenis portuguesas, comparando-as com repertório de outros países, registando e analisando a sua sequencialidade e pertinência pedagógica.

Referências

Apfelstadt, H. (2000). First Things First: Selecting Repertoire. *Music Educators Journal*, 87(1), 19. <https://doi.org/10.2307/3399672>

Music for and by children

Perspectives from Children, Composers, Performers and Educators

Vol. 2, Nº1, 2022, p. 83-91

DOI: 10.34624/musichildren.v0i2.31092

Bartle, J. A. (2003). *Sound Advice*. Oxford University Press, Inc.

Bowers, J. (2006). Motivation in Middle School Choir. *The Choral Journal*, 47(5), 90–93.
<https://www.jstor.org/stable/23556303>

Broeker, A. (2000). Developing a Children's Choir Concert. *Music Educators Journal*, 87(1), 26.
<https://doi.org/10.2307/3399674>

Brunner, D. L. (1992). Choral repertoire: a director's checklist. *Music Educators Journal*, 79(1), 29–32. <https://doi.org/https://doi.org/10.2307/3398573>

Collins, D. (2012). Using Repertoire to Teach Vocal Pedagogy in All-Male Changing Voice Choirs: Conversations With Six Master Teachers. *The Choral Journal*, 52(9), 34–41.
<https://acda-publications.s3.us-east-2.amazonaws.com/Collins.pdf>

Cooksey, J. M., & Welch, G. F. (1998). Adolescence, singing development and national curricula design. *British Journal of Music Education*, 15(1), 99–119.
<https://doi.org/10.1017/S026505170000379X>

Costa, P. (2019). Considerações sobre o repertório para coro juvenil: uma proposta inicial de parâmetros de seleção, formação, performance e pesquisa na atualidade. Em S. C. Igayara-Souza, M. Sabag, & C. A. Oliveira (Eds.), *Anais do I Congresso de Canto Coral* (pp. 91–102). ECA-USP.

Forbes, G. W. (2001). The Repertoire Selection Practices of High School Choral Directors. *Journal of Research in Music Education*, 49(2), 102–121. <https://doi.org/10.2307/3345863>

Freer, P. K. (2006). Hearing the voices of adolescent boys in choral music: A self-story. *Research Studies in Music Education*, 27(1), 69–81.
<https://doi.org/10.1177/1321103X060270010501>

Leck, H., & Jordan, F. (2009). *Creating Artistry Through Choral Excellence*. Hal Leonard Corporation.

Phillips, K. H. (1985). Training the Child Voice. *Music Educators Journal*, 72(4), 19.
<https://doi.org/10.2307/3400517>

Phillips, K. H. (1992). *Teaching kids to sing*. Schirmer Books a Division of Macmillan, Inc.

Stultz, M. (2005). *Choral Excellence for Treble Voices*. Choral Excellence, Inc.